

Ao meu avô Menezes, que me conta muitas histórias

*A noite era o momento das afinidades bestiais,
de aproximar-se mais de si mesmo.*

Patricia Highsmith, *Strangers on a Train*

Prólogo

31 de maio de 1998 — domingo

Victoria acordou com o latido dos cachorros no quintal da vizinha. Assustada, sentou na cama e olhou pela janela do quarto, no segundo andar da casa. Ainda era noite. Lá fora, sua árvore favorita balançava com o vento forte. As folhas secas se soltavam e batiam no vidro antes de cair no jardim dos fundos. Diante do armário, a pilha de caixas de presente criava uma sombra de aparência monstruosa. Ela acendeu o abajur, pegou Abu e ficou abraçada ao ursinho branco sob o lençol. Permaneceu alguns segundos parada, com os olhos bem abertos, encarando as estrelas que papai colara no teto brilharem no escuro.

Estava com sede, mas a preguiça de descer as escadas até a cozinha era maior do que tudo. O sábado tinha sido incrível, mas cansativo. Para comemorar o aniversário dela, papai e mamãe tinham feito uma festa de princesa. O quintal fora enfeitado com coroas douradas e bexigas coloridas. Havia um bolo enorme, doces, cachorro-quente e pipoca. As amiguinhas da escola e o pessoal da rua tinham sido convidados. Victoria usara um vestido de princesa, e papai e mamãe haviam lhe dado de presente o lacinho mais bonito que já tinha visto, prateado e com brilhantes. Ela havia corrido o dia inteiro de um lado para o outro,

dançando Chiquititas com as amigas — *mexe, mexe, mexe com as mãos* —, ganhado muitos presentes e cantado parabéns.

Agora, seus pés ardiam. Os cachorros continuavam a latir, cada vez com mais raiva. Era estranho, porque eles costumavam ser mansos, diferente dos gatos da D. Teresinha. Victoria adorava rolar com os cachorros na grama, ficava toda suja de lama, e a mãe não se importava. Então, veio outro som: um gemido alto, agudo, interrompido de repente. De dentro da casa.

Ela colocou os pés para fora da cama, pegou os óculos no criado-mudo e, ainda agarrada a Abu, deslizou pelo chão com as meias coloridas que ganhara da tia Emília. Girou a maçaneta e arriscou dar alguns passos para fora, sem acender a luz. Gritos vinham do quarto dos adultos, no início do corredor. Uma luz amarela escapava por debaixo da porta, iluminando os primeiros degraus da escada. Mamãe chorava aos soluços, papai falava alto, de um jeito que não era dele, e parecia nervoso. Estavam brigando?

— Não precisa ter medo, Abu — Victoria murmurou para o ursinho.

Como era possível que Eric não estivesse escutando? Era verdade que o irmão dormia pesado e roncava alto, mas... O choro da mãe ficou mais alto. Victoria ouviu uma voz que não reconheceu. Eric também estava envolvido na briga? Os pais deviam estar dando uma bronca nele por sair escondido. Victoria sabia muito bem que era feio mentir, mas o irmão, que já tinha dez anos, parecia ainda não ter aprendido.

Uma mão agarrou seu braço enquanto outra tapou sua boca, impedindo-a de gritar. Victoria chutou o ar.

— Calma, sou eu.

Ela reconheceu a voz do irmão e parou de se debater. Pensou em reclamar por conta do susto, mas algo no rosto dele a fez ficar quieta na mesma hora. Victoria nunca o tinha visto tão pálido.

— Tem alguém aqui — Eric disse, baixinho, puxando a irmã para o quarto dele.

Eric fechou a porta devagar e girou a chave. O lugar fedia a chiclete, chulé e biscoito. Ela ajeitou os óculos no rosto para ver melhor o que o irmão estava procurando no fundo do armário. Quando ele se virou, segurava o sabre de luz que ganhara no aniversário de nove anos.

— Vai pra debaixo da cama, Vic.

A menina obedeceu depressa, ficando de barriga para baixo. Do lado de fora do quarto, a confusão continuava. Os latidos aumentaram e eles escutaram o estrondo de algo pesado rolando pela escada, como um móvel ou uma mala de viagem. Não dava mais para escutar a voz do papai. De repente, os gritos da mãe se tornaram distantes, como se tivesse descido para a cozinha. Em vez de chorar, ela implorava por ajuda. Victoria esticou a cabeça para fora da proteção da cama.

— Fica aqui — Eric mandou. Ainda que tentasse disfarçar o medo, as pernas dele tremiam. — Vou chamar a polícia.

O único telefone da casa ficava no térreo, ao lado da televisão da sala.

— Não — ela disse, começando a chorar baixinho. — Não vai.

Eric se aproximou da porta e a destrancou devagar, pronto para enfrentar o que quer que fosse. Ele ergueu o sabre de luz em posição de ataque. Victoria se esforçou para ver o que podia de onde estava: a porta entreaberta, o tapete sujo, os pés descalços do irmão desaparecendo no corredor escuro. Esperou alguns segundos. Não conseguia ouvir mais nada. Nem gritos nem ofensas. Nenhum sinal do papai ou da mamãe. Só os latidos lá longe. Era como se tudo não passasse de um pesadelo. Mas seu coração batia forte, lembrando que aquilo era bem real.

Victoria percebeu então que estava fazendo xixi nas calças. Ia levar uma bronca da mãe. Talvez até ficasse de castigo, o que ela odiava. Ia explicar que tinha ficado com medo e... Outro estrondo. Daquela vez, mais perto. Alguém rolou pelo chão, vidros se quebraram. Eric urrou de dor. Então veio uma sequência de baques surdos, como objetos quebrados. Ela nunca tinha ouvido uma briga do tipo. Queria fazer algo, mas estava paralisada.

Eric surgiu em seu campo de visão, rastejando no chão. Ele a encarou por um instante. Havia horror em seus olhos. Levou o indicador trêmulo à boca, para que Victoria permanecesse em silêncio. Ela notou o sangue nas pernas dele e sufocou um grito. Um vulto apareceu na porta, ergueu Eric pela gola e o jogou na cama com força. Victoria deitou de lado e envolveu os joelhos com os braços, mantendo Abu dentro da conchinha. A cada golpe, os gritos do irmão perdiam força,

transformados em sussurros gorgolejantes. Filetes de sangue escorriam pela beirada da cama e gotejavam perto dela.

Tsssss. De onde Victoria conhecia aquele barulho? Tsssss. Um cheiro forte invadiu o quarto e ela sentiu a cabeça girar. Tapou o nariz e fechou a boca, como fazia ao mergulhar na piscina, mas não conseguiu segurar por muito tempo. Tossiu baixinho. O invasor estagnou, percebendo sua presença. Antes que ele se agachasse, Victoria deixou Abu para trás e rolou para fora da cama. Saiu correndo sem olhar para trás. Sabia que o homem estava atrás dela.

— Mamãe! Papai! — gritou no topo da escada. A voz ecoou até se perder na imensidão da sala.

Desceu correndo. Um breu completo engolia a cozinha. A sala estava iluminada apenas pela televisão ligada no mudo, que exibia um filme. As bandeirinhas coloridas e as letras de «Feliz aniversário» continuavam coladas no espelho com fita adesiva. Ainda havia embalagens vazias de docinhos, pratos de plástico usados e guardanapos amassados sobre a mesa. No chão, bexigas pisoteadas e migalhas de bolo e pão de cachorro-quente que tinham caído durante a festa.

Ela deu a volta no sofá para chegar à saída dos fundos. Ao se aproximar, viu a porta de correr entreaberta. Duas pernas brancas se estendiam sobre o batente, como sacos de açúcar caídos. Victoria logo reconheceu a camisola. Correu na direção da mãe e se agachou, desesperada. Sangue saía do peito dela, no ritmo da respiração precária. Ainda estava viva, mas Victoria não tinha coragem de encostar nela. Havia sangue demais.

Corre, a mãe fez com os lábios, sem produzir som. A garganta dela parecia uma boca escancarada em um sorriso esquisito.

A luz da televisão ficou mais clara de repente, e Victoria pôde ver melhor o rosto da mãe. Estava completamente preto, como se coberto por uma tinta viscosa. A menina amava a mãe, amava o pai, amava o irmão. Precisava fazer alguma coisa. Chamar a polícia ou... Ela correu até o móvel da TV e escalou as prateleiras para chegar ao telefone. Discou depressa o único número que sabia de cor e esperou. Atenderam rápido.

— Tia Emília, me ajuda — Victoria conseguiu dizer antes de ser puxada para trás com violência.

O fone se espatifou. O invasor espremeu o corpinho dela contra o sofá e montou em cima dele, imobilizando suas pernas e tapando sua boca com a mão. Victoria ainda estava aprendendo a rezar o pai-nosso e tentou se lembrar das frases iniciais. Não conseguiu. Agitou os braços, mas o invasor era mais forte. Os óculos dela voaram longe. Notou o rosto embaçado do homem, os cabelos cacheados na altura dos olhos pretos. Ele ergueu o braço direito, segurando a faca enorme que tremeluziu no contraste com a luz, pingando sangue. Victoria fechou os olhos no primeiro golpe. Uma dor lancinante se espalhou depressa por todos os músculos conforme a lâmina rasgava a perna. Veio outro. Sua energia ia embora, não adiantava lutar...

Então, de repente, as investidas cessaram. O invasor jogou a faca longe e pegou algo no cinto de ferramentas. Sacudiu o objeto e mirou na direção dela. A menina reuniu forças e gritou o mais alto que podia, mas era tarde demais. Sentiu de novo o cheiro ruim, os olhos arderam e um gosto amargo desceu pela garganta.

Tsssss.

Na madrugada de seu aniversário de quatro anos, Victoria mergulhou na escuridão.

VINTE ANOS DEPOIS

Não é fácil ser Victoria Bravo. Eu a observo todos os dias. Conheço seus horários, suas manias, seus lugares preferidos. Sei quais remédios toma, de que desenhos animados mais gosta, o que compra no mercado. Conheço seus medos e seus segredos mais bem guardados. Sei que visita a tia-avó quando está de folga, que adora passar o sábado em casa e que frequenta sozinha sessões de cinema à meia-noite. Eu a acompanho à distância. Perco noites de sono observando a única janela de seu apartamento e pensando nela.

As poucas horas que passamos juntos a cada semana são deliciosas, repletas de sutilezas, de palavras não ditas, de olhares carregados de sentido. Mas Victoria é escorregadia. Já estamos nessa há muito tempo, sem que haja qualquer evolução. Um passo, depois outro, então de volta ao início. Sinto que é o momento de avançar, de conquistar mais espaço. Minhas mãos suam, meu coração palpita. Mal vejo a hora.

Desta vez, não tenho dúvidas de que será maravilhoso.

Na esquina do prédio, Victoria parou um instante, pegou a aliança de latão no bolso da calça e a vestiu na mão direita, enquanto Arroz fazia o mesmo com a aliança dele. Ela olhou para cima até encontrar a placa amarela de aluga-se pendurada na janela do quarto andar. Havia dois vasos de flores no parapeito e um adesivo grande colado no vidro, ilegível àquela distância. O prédio era antigo, com fachada pintada de bege e um bonito arco de mármore na entrada.

— Não foi difícil agendar — Arroz disse, com um sorriso cúmplice.

Seguiram lado a lado pela calçada de pedras portuguesas, sem dar as mãos. O porteiro interfonou para o apartamento 407 e a subida deles foi autorizada. Saindo do elevador, Victoria e Arroz tomaram um corredor largo com tapete vermelho até a porta. Ela tocou a campainha, já escutando os sons lá dentro: um programa de TV infantil, alguém correndo pelo piso de madeira, a porta de um armário batendo e então o giro da chave.

A mulher que abriu não devia ter mais do que quarenta anos, mas parecia saída de uma guerra: os cabelos presos num coque mal-ajambrado, a blusa branca com manchas do que parecia ser molho de tomate, o rosto cansado. Arroz a cumprimentou enquanto Victoria colocava estrategicamente as mãos nos bolsos, fazendo um gesto com a cabeça que

tornava desnecessário outro cumprimento. Não era pessoal: ela evitava ao máximo qualquer proximidade física. A anfitriã abriu passagem e disse para ficarem à vontade. Aquele era o momento de que Victoria mais gostava: o primeiro contato com o lugar, com os cheiros, com as cores, com os móveis, com os moradores. Um bombardeio de pequenas informações bastante reveladoras.

A sala era ampla e bonita, com uma mesa redonda próxima à porta, pedaços de moldura recostados nos cantos, latas de tinta abertas, alguns quadros abstratos presos às paredes, diversos brinquedos espalhados pelo chão e um sofá preto onde um menino de cabelos loiros de uns seis anos estava deitado, com os joelhos dobrados, assistindo a um desenho animado no *tablet* (*O show da Luna*, se Victoria não estava enganada). O garoto não tirou os olhos da tela quando eles entraram.

Victoria se aproximou da janela com a placa amarela para ver de perto o adesivo no vidro: aqui mora gente feliz, com quatro bonequinhos tipo palito de mãos dadas — papai, mamãe, um menino e uma menina. Era provável que a mulher fosse artista plástica, mas estava claro que, no momento, sua principal função era ser mãe — bastava reparar nos bolsões sob os olhos, típicos de noites em claro. Devia ser casada com um homem que era tanto provedor quanto machista: ele ganhava o dinheiro, ela carregava as crianças nas costas.

Ao virar para a dona da casa, Victoria reparou que também era observada. Havia um incômodo no ar, advindo da sutil perturbação causada pela visita de estranhos.

— Noivos? — a mulher perguntou, forçando simpatia.

— Isso — Arroz disse, mostrando a aliança. — Vamos casar daqui a três meses.

— A gente mora aqui desde que casou. Mas meu marido foi transferido pra Houston e vamos todos pra lá.

Bingo!, Victoria pensou. *A esposa obediente que acompanha o marido bem-sucedido ao redor do mundo.*

— Fomos muito felizes aqui — a dona da casa continuou. — A gente gosta tanto do apartamento que não vai se desfazer dele. A ideia é alugar para um casal legal e confiável.

— Somos nós — Arroz disse, e deu uma risada exagerada.

Victoria tinha muita vontade de saber o que a mulher pensava deles. Naquele dia, vestia calça larga de pijama e um blusão azul-marinho confortável, mas não deixara de colocar o lacinho que sempre usava nos cabelos curtos. Arroz tampouco tinha uma aparência das mais normais. Era magro e alto, com quase dois metros, e tinha uma cabeleira preta e volumosa que, quando solta, passava dos ombros. Caminhava meio encurvado, com os braços longos e as mãos enormes jogados ao lado do corpo, como um gigante ossudo e deprimido. Victoria não sabia a idade exata dele. Devia ter uns trinta e tantos, mas se vestia como um adolescente rebelde: bermudas coloridas, camisetas com referências *pop* (a do dia estampava o pôster de *Pulp Fiction*, mas ela já vira outras de *Laranja Mecânica*, *Breaking Bad*, *Queen*, *Iron Maiden*...), tênis de corrida e bonés com a aba para trás, escondendo o cabelo. Era bem provável que a mulher os enxergasse como um casal alternativo ou só esquisito.

— Aliás, meu nome é Márcia. Muito prazer.

— Felipe — Arroz disse.

— Bianca — Victoria disse.

Márcia os guiou pelo corredor até o restante da casa, enquanto fazia comentários sobre a vizinhança, o síndico e as comodidades daquela região de Botafogo, que se tornara um polo gastronômico nos últimos anos. No banheiro, o chuveiro gotejava, molhando o tapete. Márcia girou a torneira com raiva para fechá-la direito.

— Crianças... — disse, com um suspiro. — Enlouquecem a gente às vezes.

Sobre uma bancada de mármore, havia uma bagunça de vidros de perfume, loção pós-barba, pentes, sabonetes, uma caixa com esmaltes e um copo alto com quatro escovas de dente e uma pasta infantil. Victoria deixou que Márcia seguisse na frente e aproveitou para mexer no copo. Havia duas escovas menores, uma do Buzz Lightyear e outra da Cinderela. Ambas estavam molhadas pelo uso recente. Ela pegou a pasta de dente, espremeu um pouco na palma da mão e lambeu. O gosto reconfortante de morango logo melhorou seu humor.

O primeiro quarto no corredor era do casal. As portas dos armários estavam entreabertas, revelando roupas empilhadas. Havia uma

guitarra recostada num canto, próxima à cabeceira oposta da cama bagunçada. Victoria sentiu cheiro de amêndoa no ar, mas não identificou de onde vinha. Enquanto seguiam para o segundo quarto, uma menina de cabelos loiros passou correndo por eles, esbarrando em Arroz enquanto gritava alguma coisa para o irmão.

— Vocês querem ter filhos? — Márcia perguntou. Victoria e Arroz se entreolharam.

— Sim — ele respondeu. — É o plano para o ano que vem.

— São dois quartos. Enquanto isso, vocês podem usar como escritório ou sala de TV...

A mulher continuou falando sobre as vantagens do apartamento e as possibilidades de organização dos cômodos. Arroz interagiu com ela, fazia perguntas como um cliente interessado. Era impressionante a facilidade que ele tinha de mentir. Para Victoria, era sempre mais difícil. Ela ficava vermelha e com os lábios trêmulos.

Arroz entrara na vida dela de modo inusitado: tinham se conhecido havia dois anos pela internet, em um fórum de *The Sims*. Na época, Victoria já se tratava com o Dr. Max e as coisas estavam se ajeitando. Depois de meses de conversa *on-line*, ela aceitou encontrar Arroz numa lanchonete, incentivada pelo psiquiatra, que insistia na importância da formação de laços.

Em pouco tempo, Arroz havia se tornado o melhor amigo de Victoria. Ela gostava do modo como ele ria, com os ombros abertos e jogando o queixo protuberante para cima e para baixo, gostava de seu entusiasmo por bandas e filmes que ninguém conhecia. Também gostava do fato de saber pouco sobre ele: só que morava sozinho em Copacabana, tinha se formado em enfermagem mas trabalhava com tecnologia e suas grandes paixões eram jogos de tabuleiro e eletrônicos em geral. Victoria não conhecia outros amigos dele, não sabia de onde tirava dinheiro (ela se desdobrava para pagar as contas do apartamento e da casa de repouso com seu salário de garçonne e a aposentadoria da tia-avó), não tinha ideia do seu nome verdadeiro — Arroz já quisera contar, mas ela havia tapado os ouvidos. Toda vez que ele vinha com qualquer informação mais pessoal, Victoria fazia questão de mudar de assunto. Assim, ele também não podia perguntar sobre a vida dela.

Para Victoria, aqueles encontros de domingo eram sempre divertidos. No início, ela fora resistente a conhecer o apartamento dele, mas acabara cedendo. Arroz preparava «estrogonofe falso» (só com *champignon* e creme de leite), colocava *rock* inglês para tocar bem alto no modo aleatório e posicionava a lente do telescópio Greika na janela, de modo que pudessem ver a rua, a praça e os prédios do outro lado. Era como um jogo: observavam domésticas limpando janelas, um jovem estudando saxofone, uma mulher diante do computador, gringos de pele vermelha se preparando para ir à praia e imaginavam como seria a vida deles.

Victoria não sabia como a brincadeira havia evoluído nem se lembrava direito de quem tinha dado a ideia, mas a partir de algum momento eles decidiram observar a vida dos outros mais de perto. Arroz agendava visitas a apartamentos anunciados para alugar ou vender, mas só escolhia os que ainda estivessem ocupados. Enquanto passeava pelos cômodos, Victoria gostava de observar minúcias: um porta-joias lascado com uma bailarina na tampa, duas malas de viagem deitadas no chão cheias de casacos, uma cristaleira com taças enfileiradas dentro, o estojo de um violoncelo. Ia juntando um detalhe aqui, registrando uma informação ali e, pouco a pouco, construía o mosaico imaginário da família. Entendia seus mecanismos, seus orgulhos, suas conquistas e seus projetos. Era curioso presenciar histórias em andamento, rotinas interrompidas pela obrigação burocrática de «mostrar o apartamento» a privacidade exposta como quadros num museu caótico de quartos, cozinha e banheiros. Era como se a vida normal daquelas pessoas fosse contagiante.

A visita daquele domingo durou pouco mais de meia hora. Ao final, Arroz prometeu que entraria em contato, o que com certeza não faria. De volta à rua, os dois comentaram suas impressões. Ele também achava que a mulher parecia ter sido atropelada por um trator, mas nem lhe ocorrera desconfiar do marido. Colocara todo o peso nas crianças e na arte.

— Talvez ela tenha passado a madrugada pintando — Arroz disse.

Victoria, como sempre, fez com que ele falasse bastante durante o trajeto até o metrô para que não focasse sua atenção nela. Ainda que

tivesse prática, preferia se garantir quando enfrentava longas distâncias em lugares abertos. Ao chegar à estação, Arroz sugeriu continuar a conversa num bar ali perto. Ainda estava claro, e ela concordou. Pediram batata frita, o que havia de mais barato no cardápio. Arroz ficou entre beber caipirinha ou cerveja, e acabou escolhendo a segunda opção.

— Quer uma também, Vic?

Não bebo, você sabe.

— Ah, só um pouquinho, vai. Por minha conta. Pra você relaxar.

Ela odiava que ele insistisse.

— Já disse que não.

Arroz deu de ombros e cruzou os braços enquanto o garçom enchia seu copo. Victoria teve uma vontade súbita de pular em cima dele, roubar a garrafa e beber tudo de uma vez só, mas se conteve. O amigo não tinha culpa: não sabia do problema dela com bebida. Victoria endireitou a coluna, ajeitou o lacinho nos cabelos e tentou pensar em outras coisas para evitar o som tentador do líquido enchendo o copo. A porção de batata frita chegou logo.

— De onde você tirou Bianca? — Arroz perguntou.

— Do mesmo lugar de onde você tirou Felipe.

— Perguntei porque Bianca era o nome da minha mãe.

Ela não queria entrar naquele terreno, então deu de ombros.

— Coincidência...

— É.

Ele girou o copo na mão por alguns segundos, pensativo.

— Você pretende casar um dia, Vic?

— Claro que não — ela disse na mesma hora, na defensiva. — Nem pensar.

Era um assunto complexo. Visitar o apartamento de uma desconhecida esgotada por causa dos dois filhos, ainda que lindos, não era suficiente para que ela criasse ilusões. Victoria sabia bem como era ter uma família e, de repente, não ter mais nada. Sabia como era perder tudo num piscar de olhos. Não tinha forças para aquilo.

Enquanto observava Arroz bebendo, mastigou uma batata frita, reprimindo a saliva que enchia sua boca. Não bebia havia tempo, mas ainda se sentia no limite, como se a abstinência tivesse começado no dia ante-

rior. Na pior época, seus porres não eram de cerveja, e sim de catuaba, vodca e cachaça vagabundas. A lembrança do gosto adocicado e das dores de cabeça no dia seguinte lhe causou náuseas. Era hora de ir embora.

— Vou nessa — disse, ficando de pé.

— Pra casa?

Victoria fez que sim com a cabeça. Ela morava num pequeno quarto e sala na Lapa. Gostava do lugar, mas por algum motivo tinha dificuldade de chamá-lo de casa.

— Vamos juntos — Arroz disse, virando a cerveja. — Vou encontrar uns amigos ali perto, no Circo Voador.

Parecia uma desculpa esfarrapada, mas ela não podia recusar a companhia. Precisava ser maleável, compartimentar menos as áreas de sua vida, como o psiquiatra vivia dizendo. Pegaram juntos o metrô até a estação Cinelândia, conversando sobre séries de TV e inventando histórias sobre as pessoas no vagão. Passaram pelo cinema Odeon e seguiram até os Arcos da Lapa, parando em frente ao Circo Voador lotado, com barracas de comida e bebida, e cambistas oferecendo ingressos.

— Obrigada pela companhia — Victoria disse, esperando uma brecha no fluxo de carros para atravessar a avenida Mem de Sá. — Já vou indo.

Arroz entrou na frente dela. Ele era mesmo muito alto. Observou-a em silêncio por um instante. Depois, olhou de relance as pessoas que passavam na direção da casa de *shows*, então voltou a olhar para ela.

— Poxa, Vic, você já foi tantas vezes lá em casa... — ele disse, num tom lamurioso. — Nunca vai me convidar pra conhecer seu esconderijo?

Seu falso ar indefeso e a voracidade de seu olhar a irritaram. Victoria cerrou os punhos e contou até vinte em silêncio, como o médico havia orientado. As unhas roídas pressionaram as palmas das mãos com força.

— Não quero.

Ele deu um passo à frente e segurou o braço dela, aproximando o rosto.

— A gente tem uma conexão especial, Vic. O que falta pra você entender isso?

— Por favor, para...

Num gesto rápido, ele a puxou e suas bocas se tocaram. Victoria foi pega de surpresa. Durou apenas um segundo, mas o corpo dela

fervilhava. Victoria desviou os olhos, percebendo sem querer a sombra de dois garotos encapuzados do outro lado da rua pichando boquete em letras estilizadas num muro. Uma energia ruim a dominou, e uma dor que rasgava o cérebro e fazia seus lábios formigarem surgiu.

— Você é um monstro! — ela gritou, empurrando-o.

Arroz tropeçou na calçada e caiu próximo a um mendigo que cochilava aos pés dos Arcos. Victoria foi embora sem olhar para trás. Esbarrou em um grupo de jovens bêbados que zombaram de sua pressa e quase foi atropelada por um carro em alta velocidade quando atravessou o posto de gasolina na direção da rua Riachuelo, passando pelos muros grafitados, pelas ladeiras mal iluminadas e pelo cheiro de urina que emanava das esquinas imundas. Não conseguia raciocinar direito. Aquilo não era bom. Tinha que manter o controle, mas era impossível depois do que Arroz tinha feito. Pensou em ligar para o Dr. Max, mas logo desistiu. Tirou a aliança de latão e jogou em uma boca de lobo.

Chegando ao apartamento, correu direto para o chuveiro, de roupa e tudo. Continuou se sentindo elétrica, apesar da água quente. Pegou o sabonete e, escorada na parede, esfregou-o com força na pele. Sem conseguir se conter, chorou convulsivamente, torta sob o jato d'água, enquanto a espuma escorria por seu corpo e descia em espiral pelo ralo.

2.

A noite não foi tranquila. A menstruação chegara com força, e as cólicas pareciam revirar o útero. Victoria se mexeu de um lado para o outro na cama e levantou cinco vezes durante a madrugada para ir ao banheiro, beber água ou caminhar pela casa. Quando conseguiu dormir, teve um pesadelo em que era observada por mil olhos. Acordou gritando, suando frio, com uma pressão esquisita ao redor do pescoço, como se houvesse algo travado em sua garganta.

Quando amanheceu, encontrou no celular uma infinidade de mensagens de Arroz pedindo desculpas. Ela não estava a fim de falar com ele nem com ninguém. Cogitou faltar à sessão, mas sabia que poderia piorar a situação e estragar a semana que só estava começando. Sentada na privada, tirou o absorvente, evitando encarar os coágulos. Tomou um banho rápido e, enquanto se vestia, olhou sem querer o espelho, o que só fez aumentar seu mal-estar. Não gostava nem um pouco de sua aparência: os olhos azuis sustentados por bolsões de pele acumulada em um rosto quadrado com maxilar largo. Os óculos de armação grossa faziam com que se sentisse ainda menos feminina. Era branca demais (vivia cheia de vermelhidões pelo corpo), e seus quarenta e oito quilos distribuídos em um metro e sessenta e cinco a deixavam com uma aparência esquelética. Isso sem falar no resto.

Diante da pia, realizou seu «ritual diário de envenenamento»: clordiazepóxido, cinquenta miligramas; quetiapina, cinquenta miligramas; ácido valproico, setecentos e cinquenta miligramas; venlafaxina, cinquenta miligramas; risperidona, um miligrama. A poção mágica do Dr. Max. Engoliu tudo com um copo d'água.

Victoria pegou o celular, a mochila *jeans* e Abu, que estava sobre a cama, e foi para a cozinha. O relógio do microondas confirmou seu atraso. Ela engoliu um copo de leite e colocou duas bananas escuras na mochila, para comer no intervalo do trabalho. Deu um beijo em Abu, deixou-o sobre o aparador da entrada, bateu a porta e se apoiou no corrimão para descer os quatro lances de escada o mais rápido que podia. A maioria dos prédios naquela região não contava com elevador ou porteiro, mas isso também tinha suas vantagens: as chances de cruzar com alguém eram menores. Os vizinhos eram quietos e solitários, ocupados com a própria vida. Victoria sabia que em seu andar moravam um senhor cego, duas irmãs de Goiânia, três prostitutas de diferentes faixas etárias que atendiam no motel com letreiro em néon da esquina e um garoto de programa que certa vez lhe pedira um liquidificador emprestado.

Era uma segunda-feira nublada. Ela resolveu tomar um caminho mais longo, ainda que estivesse atrasada, só para não passar pelo lugar de onde tinha fugido de Arroz na noite anterior. Avançou de cabeça baixa pelo canto da rua do Lavradio, evitando a calçada invadida por um mar fedorento de executivos suados, mulheres com bolsas enormes e camelôs gritando a plenos pulmões como trovadores da Idade Média. Não entendia pessoas que gostavam de fazer barulho: na verdade, tinha até certo medo delas, e com o medo vinha a irritação. Era como um círculo vicioso.

Mesmo com pressa, levou vinte minutos para chegar a pé ao consultório. O Dr. Max passara a fazer parte da rotina de Victoria havia três anos. O Dr. João Carlos, psiquiatra que a tratava desde a infância, havia morrido num acidente de carro, e o luto só fizera com que ela afundasse ainda mais na merda. Victoria perdera o emprego no restaurante onde trabalhava como *bartender* (o dono percebeu que as garrafas de vodca estavam indo rápido demais e não tardou a descobrir que ela virava duas doses a cada uma que servia). Os dias eram contados de ressaca em ressaca.

Victoria não sabia onde estaria se o Dr. Max não tivesse aparecido. Certa noite naquele período obscuro, ela chegou em sua antiga quitinete no bairro Santo Cristo e decidiu que precisava de um copo de leite quente. Colocou a panela no fogo, mas acabou pegando no sono no sofá antes de tirá-la. Não acordou nem mesmo quando uma fagulha alcançou a capa do fogão, derretendo o plástico e se espalhando depressa. Antes que fosse tarde demais, um vizinho percebeu o cheiro de queimado e chamou os bombeiros. Dias depois, quando Victoria ainda estava no hospital, o Dr. Max ligou. Um resto de autopreservação fez com que ela atendesse e aceitasse encontrá-lo no McDonald's do largo da Carioca.

— Seu caso me interessa muito — ele havia dito, sem preâmbulos. — Tenho me dedicado a analisar o impacto dos traumas de infância na saúde mental e física do adulto. Para ser honesto, não é algo inédito. Existem milhares de casos de crianças abusadas ou maltratadas que desenvolveram transtornos como bipolaridade, depressão, alcoolismo... Há estudos completos sobre o assunto, inclusive. Mas não pretendo inventar a roda, só quero conhecer melhor os mecanismos operando. Longe de mim menosprezar a experiência traumática de outras crianças, mas me especializei em casos mais... extremos. Crianças envolvidas em grandes tragédias, submetidas a altas doses de violência física ou psíquica. Atualmente, recebo no meu consultório o Lourenço, filho do Vampiro de Caxias, e o Samuel, do Lido. Você deve se lembrar deles.

Claro que ela lembrava. As duas histórias com frequência eram associadas ao passado dela em matérias jornalísticas. Em 2005, o *Fantástico* fizera uma reportagem especial destacando padrões entre os três casos, com tabelas multicoloridas.

O Vampiro de Caxias era um assassino em série que havia agido em bairros do subúrbio carioca no início dos anos 1990. O sujeito degolava mulheres e sumia com a cabeça delas. Depois de cinco anos de investigação e de terror entre a população, a polícia chegou ao criminoso: um mecânico de quarenta anos, viúvo, que vivia com o filho em uma casa humilde em Duque de Caxias. Ele realizava rituais satânicos nos fundos, bebendo o sangue das vítimas e pregando seus globos oculares em imagens profanas.

Na garagem, a polícia encontrou mais de vinte cabeças apodrecidas dispostas lado a lado, como uma espécie de santuário. Na época, os jornais afirmaram que o criminoso obrigava o filho de dez anos a participar dos rituais. Victoria tivera vontade de perguntar ao psiquiatra se o menino bebia mesmo o sangue das vítimas junto com o pai, mas se controlara.

O caso do Lido era posterior ao dela. Havia estourado em abril de 2000. O bebê de uma moradora de rua fora adotado de modo ilegal por um casal de idosos de classe média que vivia em um apartamento na praça do Lido, em Copacabana. Os velhos tratavam o garoto, Samuel, como um animal, alimentando-o com ração, obrigando-o a urinar e defecar em folhas de jornal na área de serviço e fazendo-o dormir numa casinha, com dois pinschers em miniatura e um chihuahua. O garoto engatinhava de coleira e apanhava. Quando a polícia entrou no apartamento, depois de uma denúncia dos vizinhos, encontrou Samuel, então com onze anos, encolhido em um canto, tremendo e latindo sem parar. Ele não sabia andar sobre duas pernas ou falar. Não se enxergava como ser humano.

— Sei que sou a melhor pessoa para cuidar de você, Victoria — o Dr. Max havia dito. — E não vou te cobrar nada. Preciso de você tanto quanto precisa de mim.

Se ele tratava de Lourenço, o menino que bebia sangue, e de Samuel, o garoto-cão, talvez pudesse mesmo fazer algo por ela. Victoria gostara da objetividade do médico, que não apelara para promessas vazias ou chantagens emocionais. Na semana seguinte, começaram as sessões diárias. Um ano depois, elas passaram a se restringir às segundas, quintas e sextas. Aceitar o tratamento tinha sido a melhor decisão da vida de Victoria.

O consultório ficava no décimo oitavo andar de um prédio comercial na rua do Ouvidor. Às sete e meia em ponto, ela tocou a campainha e começou sua contagem mental. O médico apareceu no olho mágico e girou o trinco quando Victoria estava no número onze.

— Que bom te ver, Vic — ele disse, caloroso como sempre.

Depois do que havia acontecido no dia anterior, ela não tinha vontade de encostar em quem quer que fosse. Cruzou os braços e passou direto, sentando-se na poltrona mais perto dos janelões, abraçada à mochila no colo.

O Dr. Max a acompanhou com os olhos, fechando a porta sem dizer nada. Era um sujeito alto, forte, de pele morena e tão lisa que parecia resultado de cirurgias plásticas. Cultivava uma barba grisalha e uma cabeleira volumosa, também grisalha, com fios longos e brilhantes. Sempre vestia roupas claras — naquele dia, uma calça de brim cinza e camisa branca que dava forma aos ombros largos. Sua imagem austera confortava Victoria, e ela teve a certeza de que tinha feito bem em não faltar à sessão.

— Sem lacinho hoje? — ele perguntou, cruzando as pernas.

Victoria levou a mão aos cabelos. *Merda!* Saíra tão transtornada que havia esquecido. Ajeitou uma mecha e desceu o braço devagar, tentando disfarçar a surpresa.

— Resolvi mudar.

Era uma mentira descarada, mas ele não ia contradizê-la.

— Mudar é sempre bom. E as segundas-feiras são ótimas pra isso. Melhores do que as sextas, sem dúvida.

Além dos cabelos grisalhos, o Dr. Max tinha um senso de humor antigo, ainda que devesse estar entre os trinta cinco e quarenta anos. Ele pegou a caderneta da mesinha ao lado e a pousou sobre as pernas, deixando a caneta a postos.

— Você parece irritada. Aconteceu alguma coisa?

— Nada de anormal.

Um silêncio impertinente preencheu a sala. O psiquiatra sabia que Victoria continuava a mentir, e os olhos pretos dele ziguezagueando pelo rosto dela mostravam isso. Com o tempo, Victoria também havia aprendido um pouco sobre linguagem corporal e ganhara maior consciência sobre seus gestos. Contudo, por mais que tentasse se controlar, às vezes era impossível não roer as unhas, encolher os ombros ou reter a boca. Todos os detalhes a denunciavam.

Ela endireitou a coluna e manteve as pernas juntas, como uma aluna bem-comportada. Buscou fixar os olhos agitados em algum ponto na altura da camisa branca do Dr. Max. Um fiapo escapava do botão pouco abaixo do colarinho. Aquela pequena desordem a incomodou ainda mais. O psiquiatra não diria nada até que Victoria decidisse falar. O comando da conversa era dela, e não havia por que esconder do

médico o que acontecera no dia anterior. Afinal, era para aquele tipo de coisa que estavam ali.

Com os lábios crispados, Victoria confessou que tinha encontrado Arroz e visitado outro apartamento ocupado, como costumavam fazer aos domingos. Mesmo que o médico nunca tivesse feito nenhum comentário sobre o assunto, ela sabia que ele a julgava e tirava conclusões a partir do hábito. De qualquer maneira, acabou contando que Arroz a acompanhara até a Lapa e, na hora da despedida, forcara um beijo. Procurou falar de modo calmo, pausado, sem revelar toda a raiva que a invadia. O Dr. Max vivia dizendo que era importante aprender a controlar as emoções.

— E como você se sentiu? — ele quis saber.

Victoria soltou um suspiro:

— Não acho que tenha exagerado. Ele é que foi um babaca.

— Está irritada com a atitude dele ou com o que ela representa?

— Como assim?

O Dr. Max mantinha a expressão indiscernível.

— Não tenho por que defender seu amigo, Vic. Sem dúvida, foi errado ele te beijar à força. Muito errado. O psiquiatra deixou a caneta sobre a mesinha, como se não precisasse anotar mais nada. — Mas despertar o interesse de um homem... isso por si só incomoda você?

— Não quero despertar nada em ninguém.

— Infelizmente, não depende de você. É natural que as pessoas se interessem umas pelas outras.

Victoria não achava que o fato de Arroz ter se declarado tinha muito a ver com ela. Pensava a mesma coisa dos homens que olhavam para seus seios pequenos sob a blusa do uniforme ou lançavam cantadas enquanto ela lhes servia *cappuccinos* e crepes: paqueravam qualquer uma que vissem pela frente.

— Nem sei como conversar com um homem.

— Você conversa comigo há anos, Vic.

Ela levantou o rosto, passando as mãos suadas na calça. Não enxergava o Dr. Max como homem, mas como médico. Eram coisas bem diferentes.

— Bom, é importante deixar claro que não há motivo para que as pessoas não se interessem por você — ele continuou, baixando a voz.

— Não estou pronta para me envolver com ninguém. Não estou pronta nem para fazer amigos.

O Dr. Max recuou, recostando-se no espaldar da poltrona. Entrelaçou as mãos diante da barriga e olhou de relance para o caderninho, hesitando em pegá-lo novamente. A sala estava mais fria, e os pelos dos braços de Victoria se eriçaram. Ela torceu para que a sessão já estivesse no fim.

— E a moça que trabalha no café com você? — o psiquiatra perguntou.

— Margot?

— Você me disse que ela foi legal com você uma vez.

Victoria deu de ombros. Margot era pouco mais velha do que ela (devia ter uns vinte e seis) e trabalhava atrás do balcão, controlando os pedidos que saíam da cozinha e entregando bandejas às garçonetes. Era morena, tinha cabelos longos e sorriso largo. Certa noite, em meio a uma tempestade de verão, Victoria aceitara uma carona dela até seu prédio. No trajeto de pouco menos de quinze minutos, Margot havia contado sua vida amorosa inteira, incluindo detalhes sobre diversos namorados, o desempenho de cada um na cama e a melhor maneira de ter prazer com sexo anal. Margot dera até dicas para convencer um cara a aceitar um *ménage* com outro. Victoria se mantivera em silêncio. Ela imaginava como seria ter uma amiga, e a ideia a perturbava em todos os aspectos. Amigas contam tudo umas às outras, acontecimentos, sentimentos, desejos e uma infinidade de coisas que Victoria não tinha a intenção de compartilhar com ninguém. Além disso, a alegria e o carinho de Margot eram excessivos. Ela era feliz *demais*.

— Melhor não.

— E o escritor que vai ao café de vez em quando? — o psiquiatra perguntou. — Você já me falou dele algumas vezes. Parece simpático e gosta das mesmas músicas que você.

— Sobre o que eu conversaria com ele? Mortes e minha vida de merda?

— Você não precisa ter vergonha da sua história.

— O cara vai sair correndo na mesma hora. Sou só mais uma garçonete que ele paquera.

— E daí se for isso? Vocês não precisam terminar a noite na cama. Foi difícil conhecer o Arroz, não foi? E isso já tem o quê? Mais de um ano. Talvez seja hora de se aproximar de outras pessoas, vencer o medo.

Ela se irritou. Só podia ser provocação.

— Não tenho medo. Nunca foi uma questão de medo...

O psiquiatra esperou que continuasse, mas Victoria se calou. Outra mentira. Ela olhou o relógio de pulso: já haviam passado dois minutos do horário do término da sessão. Ela levantou aliviada, já colocando a mochila nas costas.

— Antes de ir... Lembra que eu gravava nossas sessões no começo?

— Claro, por quê?

O Dr. Max ficou de pé e foi até um móvel. Abriu a terceira gaveta e passou os dedos longos por uma série de pequenas cassetes organizadas por data. Ela sempre achara antiquado que o psiquiatra usasse um gravador em vez do celular, mas nunca dissera nada a respeito. Combinava com o estilo dele. Depois de alguns minutos, o Dr. Max encontrou a fita que estava procurando e sacudiu-a no ar.

— Esta aqui é da primeira consulta. Se importa que eu toque?

— Tenho que ir pro trabalho.

— Só o finalzinho. Acho importante que você se escute. Não vai demorar.

Ele pegou um gravador na gaveta e colocou a fita. Passou a gravação para a frente, parando algumas vezes para ver se já estava no ponto certo. Victoria ouviu trechos de frases e perguntas entrecortadas. Voltou a se sentar, fechando os olhos e apoiando os braços na poltrona. Era como ser transportada ao passado. A gravação tinha poucos anos, mas a sensação era de que se tratava de outra pessoa. Aos vinte e um, sua voz ainda era fina e hesitante como a de uma criança, e o álcool embaralhava o ritmo das palavras.

O psiquiatra finalmente encontrou o que queria. Sua voz potente se elevou na gravação, pontuada por ranhuras de som:

— Por que acha que as pessoas fazem sexo, Vic?

Houve quinze segundos de silêncio na gravação. Então veio a resposta, numa voz inebriada:

— Para sentir dor.